

Como a terrível gripe de 1918 se espalhou pelos Estados Unidos

O número de vítimas da pior epidemia da História supera as mortes de militares na Primeira Guerra Mundial e na Segunda Guerra Mundial, juntas. A doença pode ter começado nos Estados Unidos.

Publicado em novembro de 2017

RESUMO EM PORTUGUÊS:

A maior parte dos estudos sobre a origem da gripe de 1918, conhecida como gripe espanhola, aponta que a doença surgiu nos Estados Unidos. Em 15 meses de duração, a doença matou entre 50 e 100 milhões de pessoas. Foi a pandemia mais mortal da história da humanidade. Em um ano, matou mais pessoas do que a Aids ao longo de quatro décadas e mais do que a peste bubônica ao longo de um século.

Em janeiro de 1918, um médico da região de Haskell, em Kansas, Estados Unidos, alertou o serviço de saúde pública americano sobre um aumento inesperado no número de casos de influenza. É o primeiro registro do tipo de que se tem notícia naquele ano. Naquela época, Haskell era uma região rural, dedicada à criação de gado, mas que também contava com rebanhos suínos. Além disso, estava na rota de 17 espécies de aves. Hoje, cientistas sabem que os porcos podem ser infectados tanto por influenza de aves como influenza de humanos. Quando um vírus de ave e um vírus de humano infectam a mesma célula de um porco, seus genes podem se misturar e criar um novo vírus, especialmente letal.

Muitos dos homens de Haskell que entraram em contato com a doença acabaram sendo mandados para um campo militar da região, o Camp Funston. Era uma base de treinamento para a Primeira Guerra Mundial. Em 4 de março, foram notificados os primeiros casos de influenza no Camp Funston. Apenas duas semanas depois, 1.100 soldados foram internados. De lá, o vírus se espalhou para outros campos militares dos Estados Unidos. Ao mesmo tempo, se espalhava entre os civis americanos.

Os vírus de influenza corriqueiros, que aparecem todos os anos, normalmente infectam as células do trato respiratório superior — nariz e garganta — e, por isso, se transmitem tão facilmente. Já o vírus da pandemia de 1918 também infectava células muito internas dos pulmões, comprometendo os tecidos pulmonares e, frequentemente, evoluindo para uma pneumonia viral ou bacteriana.

Devido aos avanços médicos obtidos desde então, os leigos se tornaram complacentes sobre a influenza. Se preocupam com Ebola, Zika ou MERS, mas não com uma doença respiratória que pode ser confundida com uma gripe comum. É um grande erro. Nós continuamos sendo tão vulneráveis — ou até mesmo mais vulneráveis — a outra epidemia como a que ocorreu em 1918. Por isso, a história trágica da gripe de 1918 ainda é extremamente importante. Especialmente porque as lições a serem aprendidas com aquela pandemia ainda não foram totalmente incorporadas pela sociedade.

Em um primeiro momento, a pandemia de 1918 não chamou tanto a atenção. Só começou a ganhar destaque quando se espalhou pela Espanha, que não estava combatendo na Primeira Guerra Mundial. A mídia espanhola começou a mostrar o que estava acontecendo no país — até o rei espanhol foi infectado. Enquanto isso, a imprensa de países envolvidos na guerra não tratavam do assunto, por censura do governo ou auto-censura. Este é o motivo pelo qual a gripe de 1918 ficou popularmente conhecida como gripe espanhola — era da Espanha que vinham as notícias sobre a doença.

Uma primeira onda da gripe de 1918 foi pouco letal. Por volta do meio do ano, relatórios médicos militares consideravam que a doença estava perto do fim. Mas, uma segunda onda, muito mais letal que a primeira, começou por volta de setembro.

O relato de um médico do hospital Camp Devens, nos Estados Unidos, registra a catástrofe gerada pela segunda onda do vírus. A unidade de saúde tinha capacidade para 1200 pacientes. Mas, no pico da gripe de 1918, 1.543 soldados de Camp Devens foram notificados como doentes em um único dia. “Esses homens começam com o que parece ser um ataque corriqueiro de gripe ou influenza. Quando trazidos para o hospital, rapidamente desenvolvem o pior tipo de pneumonia já visto. Duas horas depois da internação, apresentam manchas acima dos ossos das bochechas. Mais algumas horas depois, você começa a ver cianose [o termo se refere à falta de oxigênio, produzindo uma cor azulada no corpo] se espalhando das orelhas para todo o rosto. Bastam algumas horas para que morram. É horrível. Nós temos registrado uma média de 100 mortes por dia. Ao longo de muitos dias, faltaram caixões e os corpos se empilharam”.

A falta de compromisso dos políticos com a verdade agravou a pandemia. Nos Estados Unidos, uma lei aprovada no Congresso estipulava a punição com até 20 anos de prisão para aqueles que se pronunciassem “com linguagem desleal, profana, escandalosa ou abusiva sobre a forma de governo dos Estados Unidos” ou defendessem “qualquer restrição de produção de qualquer coisa ... necessária ou essencial para o esforço de guerra.”

Por todo o país, autoridades estavam mentindo. “Não há motivo para alarde se as precauções forem tomadas”, falou Rupert Blue, Cirurgião-Geral dos Estados Unidos. “Outras doenças dos brônquios e não a chamada gripe espanhola provocaram o adoecimento da maioria das pessoas registradas como doentes por influenza”, declarou o diretor de saúde pública da cidade de Nova York. O chefe de saúde de Los Angeles disse: “se as precauções rotineiras forem tomadas, não há motivo para preocupação”.

Na falta de verdade e de liderança política, a população se fechou em suas casas com pânico e terror. O medo era tanto que as pessoas se recusavam a ajudar umas às outras. Foi uma pandemia de falta de solidariedade. Quando o número de mortes já era muito alto e não era mais possível negar ou minimizar a pandemia, autoridades fizeram apelos para que voluntários se apresentassem para ajudar a cuidar dos doentes ou de pessoas que precisavam de ajuda social. O Escritório de Higiene Infantil implorou que famílias abrigassem — apenas temporariamente — crianças cujos pais estivessem morrendo ou já mortos. Poucas pessoas se ofereceram para ajudar.

Então, tão rápido como surgiu, a influenza pareceu ter desaparecido. Mas ainda haveria uma terceira onda da doença, em janeiro de 1919, menos letal. Depois dessa terceira onda, o vírus não foi embora. O que aconteceu foi que perdeu sua extraordinária capacidade de matar, em parte porque o sistema imunológico de muitas pessoas já era capaz de derrotá-lo, em parte porque perder sua capacidade de invadir os pulmões tão facilmente. Dessa forma, se transformou em uma influenza sazonal.

No mundo desenvolvido, a taxa de mortalidade da gripe de 1918 foi em torno de 2%. Já em lugares menos desenvolvidos, foi muito maior. No México, estima-se que a taxa de mortalidade oscilou entre 2,3% e 4%. Nas Ilhas Fiji, 14% da população morreu — em apenas 16 dias. Normalmente, as pessoas mais velhas são a maior parte das vítimas fatais. Mas a gripe de 1918 matou jovens adultos em números muito maiores.

Impulsionados pelo ressurgimento da gripe aviária, governos, ONGs e grandes empresas ao redor do mundo têm investido recursos na preparação para uma próxima pandemia. Os especialistas em saúde pública concordam que a principal prioridade é desenvolver uma “vacina universal”, que confira imunidade contra virtualmente todos os tipos de vírus de influenza que podem contaminar humanos. Sem uma vacina com essa, se um novo vírus pandêmico surgir, nós teremos que produzir uma vacina especificamente para ele, o que levará meses e resultará em uma vacina capaz de oferecer uma proteção marginal. Outro passo muito importante para se preparar para uma próxima pandemia é expandir a pesquisa em medicamentos antivirais (contra vírus).

Além de vacinas e medicamentos, há medidas menos glamorosas, conhecidas como intervenções não-farmacêuticas: lavar as mãos, teletrabalho, cobrir o rosto ao tossir, ficar em casa quando estiver doente em vez de ir trabalhar e, se a pandemia for muito grave, fechar escolas e até outros controles mais extremos. Mas a efetividade desse tipo de intervenção vai depender do apoio da sociedade. E a sociedade terá que confiar no que ouvir das autoridades.

É por isso que a lição mais importante de 1918 é contar a verdade. Isso vai depender do caráter e da liderança das pessoas que estiverem no poder quando a crise estourar.